



**Universidade de Brasília**

**Instituto de Letras**

**Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas**

**PEDRO HENRIQUE SOARES PARREIRA**

**SINTAXE DAS PREPOSIÇÕES: USO DO ACENTO GRAVE NA  
ESCRITA**

**Brasília-DF**

**2016**

**PEDRO HENRIQUE SOARES PARREIRA**

**SINTAXE DAS PREPOSIÇÕES: USO DO ACENTO GRAVE NA  
ESCRITA**

Monografia apresentada ao Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília como requisito parcial à obtenção de grau de Licenciado em Letras, habilitação Língua Portuguesa e Respectiva Literatura.

Orientador: Prof. Dr. Marcus Vinicius da Silva Lunguinho.

**Brasília-DF**

**2016**

Acima de tudo agradeço a Deus, por estar  
presente em todos os momentos de minha  
vida.

A minha família, por todo apoio e amor.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, por me dar força e sabedoria para trilhar os caminhos da minha vida.

A minha família: mãe, por todos seus ensinamentos e amor; irmã, por ser uma referência em conquistas; tia, por sua garra, persistência e apoio; pai, que sei que lá de cima olha por mim; e Racquel, que não mede esforços para ficar sempre ao meu lado me dando apoio em todas as minhas conquistas.

Ao meu orientador, professor Dr. Marcus Vinícius Lunguinho, por despertar em mim um interesse maior no aprofundamento do estudo da sintaxe e apoiar na resolução deste trabalho.

## RESUMO

O objetivo deste trabalho é evidenciar o emprego do acento grave, como se dá esse uso, e como é importante entender a regência da frase para assim definir a utilização da crase. Observou-se, a partir de pesquisas realizadas, uma grande confusão no modo correto de uso desse acento. Com o intuito de verificar como é feita a explicação de Crase, Acento Grave, Regência e Preposição, três gramáticas de uso bastante difundido serão utilizadas: Rocha Lima, Bechara e Celso Cunha & Cintra.

O presente trabalho visa verificar como são abordadas questões de crase principalmente em concursos elaborados pela banca do CESPE. Será feito também um estudo comparativo das questões de concursos aplicadas para candidatos às vagas de nível superior e para candidatos às vagas de nível médio.

**Palavras-chave:** Acento grave. Crase. Regência. Questões cobradas em concursos. Sintaxe. Preposições.

## **ABSTRACT**

The objective of this study is to demonstrate the use of the grave accent, how it is used, and how important it is to understand the regency order of the phrase to define the use of the Crase. It was observed, from research carried out, that there's a lot of confusion in the correct mode of use of this accent. In order to check how the explanation of Crase, Accent Grave, Regency and Preposition is done, three widespread use grammars will be used: Rocha Lima, Bechara and Celso Cunha & Cintra.

This study aims to determine how Crase issues are addressed, mainly in applying to the Public Sector exams designed by CESPE examining board. It will be also made a comparative study of applying to the Public Sector exams questions to candidates for top-level vacancies and candidates for mid-level positions.

Keywords: grave accent. Crase. Regency. charged issues in competitions. Syntax. Prepositions.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>1. Uso do acento do acento grave.....</b>	<b>9</b>
<b>1.1 Preposição, Acento Grave e Crase nas Gramáticas.....</b>	<b>9</b>
<b>1.1.1 Cunha &amp; Cintra (2008): .....</b>	<b>9</b>
<b>1.1.2 Bechara (2015): .....</b>	<b>10</b>
<b>1.1.3 Rocha Lima (2011): .....</b>	<b>13</b>
<b>1.2 Regência.....</b>	<b>15</b>
<b>1.2.1 Cunha &amp; Cintra.....</b>	<b>15</b>
<b>1.2.2 Bechara.....</b>	<b>16</b>
<b>1.2.3 Rocha Lima.....</b>	<b>16</b>
<b>1.2.4 Dicionário Linguístico (Mattoso Câmara).....</b>	<b>17</b>
<b>Conclusões preliminares.....</b>	<b>17</b>
<b>2. Teoria X-Barra.....</b>	<b>18</b>
<b>2.1 Teoria X-Barra.....</b>	<b>18</b>
<b>Conclusões preliminares.....</b>	<b>26</b>
<b>3. Análise das questões do CESPE.....</b>	<b>27</b>
<b>3.1 Questões de nível médio.....</b>	<b>27</b>
<b>3.2 Questões de nível superior.....</b>	<b>30</b>
<b>Conclusões preliminares.....</b>	<b>33</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>34</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>35</b>

## INTRODUÇÃO

A Gramática Tradicional (GT) traz um conjunto de regras “do bem falar e bem escrever”, entretanto é grande a diferença entre o uso da língua na oralidade e na escrita. É perceptível que na língua falada a liberdade de construção de palavras e sentenças é muito maior que na língua escrita. Nesta última existe uma grande quantidade de conceitos, regras e definições para ditar o que é certo e o que é errado, de acordo com o uso formal da língua. A crase por exemplo, é imperceptível na oralidade, mas na escrita a identificação, com o uso do acento grave, é obrigatório, de acordo com a Gramática Tradicional prescritiva.

Nota-se a dificuldade que as pessoas têm em relação ao uso do acento grave na escrita. Como o acento grave serve para identificar uma contração, no caso de *a* – preposição e *a* – artigo (nesse caso chamado de fenômeno da crase), em seu uso oral é impossível identificar esse fenômeno. Entretanto quando a crase é verificada na escrita, boa parte dos estudantes brasileiros não consegue identificar o momento certo de usá-la. Apesar de parecer fácil, com poucas regras, sendo apenas um fenômeno de contração, a quantidade de erros envolvendo o assunto é muito grande. Principalmente em provas de concursos, em que é corriqueiro a cobrança desse tipo de questão, ainda mais que em todo processo seletivo exige-se conhecimento em Português, e assim, é grande a probabilidade de se ter nas questões dessa disciplina o assunto sobre Acento Grave. Com poucas regras para identificar o uso da crase pode parecer, de fato, que o tema é fácil, entretanto são vários os fatores que denotam o uso do acento grave. É preciso saber as regências das palavras e dos verbos para assim, identificar se na estrutura existe o *a* que é preposição e o *a* que é artigo e se os dois se juntam ocasionando assim, o fenômeno da crase.

Este trabalho visa fazer uma análise de como o tema de preposição, crase e acento grave é abordado em Gramáticas muito consultadas atualmente e como a Teoria X-Barra ajuda a entender o assunto.

A monografia está estruturada em três capítulos. O primeiro traz uma breve resenha do que consta nas gramáticas sobre o ensinamento da crase, acento grave, preposição e regência. O segundo introduz aspectos e o conhecimento da Teoria X-Barra direcionada ao estudo do fenômeno da crase. Por fim, no terceiro capítulo, algumas questões de provas de concurso, elaboradas pelo Cespe, de nível médio e de nível superior, são analisadas a luz do que foi estudado neste trabalho.



# CAPÍTULO 1

## Uso do acento Grave

### Introdução

Neste capítulo, são apresentados os conceitos de preposição, acento grave, crase e regência conforme as gramáticas de Celso Cunha & Cintra, Bechara e Rocha Lima. O Dicionário Linguístico de Joaquim Mattoso Câmara Jr. também é utilizado para um melhor aprofundamento no estudo. A partir desses conceitos será possível um melhor entendimento sobre acento grave/crase e verificar seu uso em questões de concursos elaboradas pelo Cespe.

### 1.1 Preposição, Acento Grave e Crase nas gramáticas.

#### 1.1.1 Cunha & Cintra (2001): Nova Gramática do Português Contemporâneo

Cunha & Cintra (2001) conceituam preposição como sendo uma palavra invariável que relaciona dois termos, em que o sentido do primeiro é explicado ou completado pelo segundo. Foram apresentados alguns exemplos, dos quais se podem destacar os seguintes:

	Antecedente	Preposição	Consequente
(1)	Vou	a	Roma
(2)	Chegaram	a	Tempo

Nessas orações, a preposição *a* relaciona tanto o termo antecedente quanto o consequente e indica uma ideia de movimento no espaço (no item 1) e de movimento no tempo (no item 2). Conforme explicado a partir de exemplos na Gramática de Cunha & Cintra, a preposição *a* possui os seguintes valores:

#### 1. Movimento (direção a um limite):

- a) no espaço: *Rompo à frente, tomo a mão esquerda.*
- b) no tempo: *Daqui a uma semana o senhor vai lá em casa.*
- c) na noção: *A sua vida com o marido vai de mal a pior.*

#### 2. Situação (coincidência ou concomitância):

- a) no espaço: *Santos cumpriu tudo à risca.*
- b) no tempo: *À sobremesa, antes que ele pedisse, o garçom trouxe as garrafas e a taça.*
- c) na noção: *Não podemos gastar dinheiro à toa.*

Em relação ao acento grave, Celso & Cunha explanam sobre o tema de forma bem sucinta no capítulo sobre Ortografia, no item que discorre sobre o acento:

“O ACENTO GRAVE é empregado para indicar a crase da preposição *a* com a forma feminina do artigo (*a, as*) e com os pronomes demonstrativos *a(s), aquele(s), aquela(s), aquilo*”. (Cunha & Cintra, 2001 p. 64).

A Crase é explicada no capítulo que explica sobre o assunto Artigo, no tópico em que discorre sobre as formas combinadas do artigo definido. Nesse tópico são elencadas algumas preposições que são combinadas com o artigo definido, por exemplo: *de + o = do, a + o = ao* e *em + a = na*.

Em relação à Crase, os autores complementam que se trata da fusão (= crase) do artigo definido feminino e da preposição *a*. E sua representação na escrita se dá pelo acento grave sobre a vogal (*à*).

Vou <b>a</b>	+	<b>a</b> cidade	=	Vou <b>à</b> cidade
<div style="border: 1px solid black; padding: 5px;">Preposição que introduz o adjunto adverbial do verbo <i>ir</i>.</div>		<div style="border: 1px solid black; padding: 5px;">Artigo que determina o substantivo cidade.</div>		<div style="border: 1px solid black; padding: 5px;">A craseado, a que se aplica o acento grave.</div>

Os autores mencionam basicamente duas situações do uso da Crase:

1. Afirmando que o *à* vale como redução sintática da expressão *à moda de*:  
*Mas o major? Por que não ria à inglesa, nem à alemã, nem à francesa, nem à brasileira? Qual o seu gênero?*
2. Deve-se atentar na construção de determinada palavra com outras preposições para saber se ela exige ou dispensa o artigo:  
*Vou à feira e, depois, irei a Copacabana.*

### 1.1.2 Bechara (2015): Moderna Gramática Portuguesa

Bechara conceitua a preposição como uma unidade linguística desprovida de independência, ou seja, ela não aparece sozinha no discurso. O papel da preposição é ser índice da função gramatical de termo que ela introduz.

O autor menciona a **contração** quando a preposição sofre redução. São evidenciadas as seguintes contrações com as preposições *a, de, em, per, para* e *co(m)*.

Em relação ao acento grave e à crase, o autor faz menção aos dois assuntos em dois momentos: no capítulo de Fonética e Fonologia, no item de ortografia e no capítulo de Preposição, no qual menciona crase.

Nessa gramática são citadas basicamente três regras para o uso do acento grave:

1. Na contração da preposição *a* com as formas femininas do artigo *o* ou pronome demonstrativo *o*: *à* (de *a* + *a*), *às* (de *a* + *as*).
2. Na contração da preposição *a* com o *a* inicial dos demonstrativos *aquele*, *aquela*, *aqueles*, *aquelas* e *aquilo*, ou ainda da mesma preposição com compostos *aqueloutro* e suas flexões: *àquele(s)*, *àquela(s)*, *àquilo*, *àqueloutro(s)*, *àqueloutra(s)*.
3. Na contração da preposição *a* com os pronomes relativos *a qual*, *as quais*: *à qual*, *às quais*.

As regras mencionadas acima fazem parte do capítulo de Fonética e Fonologia, e estão no item de ortografia. Nesse capítulo o acento grave é colocado de uma forma bem resumida e sintética, baseada somente nessas três regras. No capítulo que discorre sobre a preposição, é notada uma atenção especial a preposição *a* e o emprego do *a acentuado* (*à*).

Referente ao emprego da preposição *a*, são mencionados alguns empregos como:

1. Introduz complementos verbais (objetos indiretos) e nominais representados por nomes ou pronomes.

*Doa a quem doer.*

2. Introduz objetos diretos.

*O mundo intelectual deleita a poucos, o material agrada a todos.*

3. Prende infinitivos a certos verbos.

*Parecem dar a entender.*

4. Introduz numerosas circunstâncias; de movimento, de tempo, de fim, de conformidade, de lugar, de instrumento, entre outros.

*Estar à janela; Daqui a pouco haverá festa; Escrever a lápis.*

Em relação ao emprego do *a acentuado* (*à*), Bechara afirma que é empregado no *a* para indicar que soa como vogal aberta em dois casos:

1. Conforme explicação do capítulo de Fonética e Fonologia, quando representa contração ou fusão da preposição *a* com o artigo *a*. Exemplo: Fui *à* cidade<sup>1</sup>.
2. Quando representa a preposição *a* que rege um substantivo feminino singular, formando uma locução adverbial que, por motivo de clareza, vem assinalada com acento grave diferencial. Exemplo: *à* força, *à* mingua, *à* bala, barco *à* vela, entre outros.

---

<sup>1</sup>Neste exemplo o autor faz uma observação importante: Se o substantivo estiver sendo usado em sentido indeterminado, não será precedido de artigo e, logo, não ocorrerá a crase *à*. Exemplo: O imóvel será vendido a construtora.

Na Moderna Gramática de Bechara também são apresentadas algumas observações que fazem parte da explicação e do entendimento do uso do acento grave e da crase:

1. Crase é um fenômeno fonético, o qual se refere a toda fusão de vogais iguais, e não somente ao *a* acentuado.
2. Não se deve chamar *crase*, ao acento grave.

Conforme o quadro abaixo, Bechara ressalta alguns casos principais em que ocorre crase, casos em que não ocorre e casos em que é facultativa:

Ocorrência de Crase	Não ocorre crase	Crase facultativa
Diante de palavra feminina, de forma clara ou oculta, em que não se repele o artigo <sup>2</sup> : <i>Fui à cidade.</i>	Diante de palavra masculina: <i>Foi a Ribeirão.</i>	Antes de pronome possessivo com substantivo feminino claro: <i>Dirigiu-se à/a minha casa, e não à sua.</i>
Diante do artigo <i>a (as)</i> e do <i>a-</i> inicial dos demonstrativos <i>aquele, aquela, aquilo</i> : <i>Referiu-se àquele que estava do seu lado.</i>	Diante de palavra de sentido indefinido: <i>Falou a uma pessoa.</i> <b>Observação:</b> Há acento antes do numeral <i>uma</i> : <i>Irei vê-la à uma hora.</i>	Antes de nome próprio feminino: <i>As alusões eram feitas à/a Ângela.</i>
Diante de possessivo em referência a substantivo oculto: <i>Dirigiu-se àquela casa e não à sua.</i>	Diante dos pronomes relativos <i>que</i> (quando o <i>a</i> anterior for uma preposição), quem, cuja: <i>Ali vai a criança a quem disseste a notícia.</i>	Antes da palavra <i>casa</i> quando acompanhada de expressão que denota alguma qualificação, como dono ou morador: <i>Irei à/a casa de meus pais.</i>
Diante de locuções adverbiais constituídas de substantivo feminino plural: <i>às vezes, às claras, às ocultas,</i>	Diante de verbo no infinitivo: <i>Ficou a ver navios.</i>	
	Diante de pronome pessoal e expressões de tratamento que dispensam o artigo: <i>Requeiro a V. Ex.<sup>a</sup> com razão.</i>	
	Nas expressões formadas com repetição de termos: <i>Frente a frente; cara a cara.</i>	
	Diante da palavra <i>casa</i> quando desacompanhada de adjunto, e da palavra <i>terra</i> quando oposta a bordo: <i>Foram os primeiros a chegar a terra firme.</i>	
	Nas expressões de duração, distancia, e em sequencia (de... a...): <i>As aulas serão de segunda a quinta.</i>	
	Depois de preposição, exceto até (com significado de limite): <i>O presidente discursou perante a Câmara.</i>	

<sup>2</sup> Neste item explica que, para saber se o substantivo feminino repele ou não o artigo, basta construí-lo em orações em que apareçam regidos de preposições *de, em, por*. Se existir a necessidade de usar, respetivamente *da, na, pela*, o artigo será obrigatório. Entretanto, pode-se ter o artigo quando o nome vem acompanhado de adjetivo ou locução adjetiva. E se for facultativo o emprego de *de* ou *da, em* ou *na, por* ou *pela*, será também facultativo o uso do *a* acentuado. Exemplos:

Fui à Gávea.	-	Venho da Gávea.
Fui a Copacabana.	-	Venho de Copacabana.
Fui à Copacabana de minha infância.	-	Passo pela Copacabana de minha infância.
Fui à/a França.	-	Venho da/de França.

### 1.1.3 Rocha Lima (2011): Gramática Normativa da Língua Portuguesa

Rocha Lima discorre sobre a crase e o acento grave em capítulos distintos, assim como Bechara e Cunha e Cintra. Entretanto é guardado um capítulo específico somente para tratar deste assunto.

Preposição é conceituada por Rocha Lima como sendo “palavras que subordinam um termo da frase a outro – o que vale dizer que tornam o segundo dependente do primeiro” (Lima, 2011, p. 231).

O autor define, dentre outras preposições, a preposição *a* como uma preposição essencial. E coloca alguns exemplos de junção de preposição com artigo definido e com alguns pronomes. Exemplos:

a	+	o	=	ao
a	+	a	=	à
a	+	aquela	=	Àquelas

A crase é mencionada primeiramente no capítulo 3 – Pronúncia Normal do Brasil em que o autor explica o seguinte:

“que não se distinguem na pronúncia o /a/ artigo, o /a/ preposição, o /a/ pronome e o /à/ resultante de crase (seguidos ou não de /s/ o primeiro e os dois últimos)”. (Lima, 2011 p. 71).

No capítulo seguinte (Capítulo 4 – Ortografia), no título de Acentuação Gráfica, o acento grave é destacado com a explicação de ser usado para marcar a *crase* da preposição *a* com o artigo *a* e com os pronomes demonstrativos *a*, *aquele*, *aqueloutro* e *aquilo*. Assim sendo, se escreverão da seguinte forma:

À, às, àquele(s), àquela(s), àquilo, àqueloutro(s), àqueloutra(s).

É interessante notar que nessa gramática o autor, no capítulo sobre Emprego do Artigo, explica que o emprego do acento da crase, nos casos de regência, depende do conhecimento do emprego do artigo. Ou seja, nota-se a importância da regência na identificação do uso da crase. Exemplos:

*Vou a Copacabana e à Tijuca. Iriam à penha, a Cascadura.*

Também se verifica um breve comentário no capítulo de Emprego de Numeral e no capítulo de Emprego do Pronome sobre Crase:

- Na locução adverbial – *à uma* – emprega-se o acento da crase.
- Não há crase no regime preposicional de cuja(s), por isso que o *relativo* não pode ser determinado. Exemplos: Homens a cuja probidade tudo confiamos; Tribunal a cujas decisões devemos respeito.

No capítulo 26 – O Problema do “A” Acentuado – a Gramática de Rocha Lima traz as regras práticas do uso da crase que serão comentadas a seguir.

Primeiramente o autor explica que o acento grave é assinalado na escrita quando os sons da preposição *a* e dos artigos *a, as* ou pronomes demonstrativos femininos (*a, as, aquela, aquela, aqueles, aquelas, aquilo, a qual e as quais*) se fundem. Abaixo estão as regras citadas para o uso ou não do acento grave:

1. Nuca acentuá-lo:
  - a. Antes de palavra masculina. Exemplo: *Pintura a óleo.*
  - b. Antes do artigo indefinido *uma*. Exemplo: *Você faz jus a uma recompensa.*
  - c. Antes de palavra no plural. Exemplo: *Não compareço a festas públicas.*
  - d. Antes de verbo. Exemplo: *Preferiu morrer a entregar-se.*
  - e. Antes de pronome pessoal e de tratamento. Exemplo: *O concerto será dedicado a você.*
  - f. Antes de numeral cardinal (exceto da designação e horas). Exemplo: *O vilarejo fica a duas léguas da cidade.*
  - g. Antes de pronome demonstrativo, indefinido, relativo ou interrogativo (nesse caso excetua-se: *aquele, aquela, aqueles, aquelas, aquilo, a qual, as quais* – que podem fundir com a preposição). Exemplo: *Não sei responder a essa questão.*
  - h. Antes de nome de lugar, que se use sem artigo. Exemplo: *Foi a Paris.* Entretanto se a palavra é determinada usa-se crase. Exemplo: *Jamais voltei à Paris dos meus sonhos.*
  - i. Em expressões como *frente a frente.*
2. Sempre acentuar:
  - a. Antes de palavra feminina que venha acompanhada de artigo. Exemplo: *Vou à escola.*
  - b. Antes de palavra masculina quando se subteme uma palavra feminina. Exemplo: *Chapéu à Napoleão* (ou seja, chapéu à moda de Napoleão).
  - c. Na designação das horas. Exemplo: *Os empregados entram à uma hora e deixam o serviço às seis.*
  - d. Nas locuções de natureza adverbial, formadas com palavra feminina. Exemplo: *Fazer tudo à pressa.*
3. Casos em que é facultativo o acento:
  - a. Antes de nome próprio feminino. Exemplo: *Darei o vestido a/à Carolina.*
  - b. Antes de pronome possessivo. Exemplo: *Dirija-se a/à sua sala.*

No capítulo sobre o acento grave são elencados dois artifícios que podem ajudar a sanar possíveis dúvidas:

1. Usa-se *à* ou *às* antes de palavra no feminino, quando, ao se fazer a substituição por uma palavra no masculino, a preposição constatada seja *ao* ou *aos*:

Compareci à conferencia. – Compareci ao casamento.

2. Emprega-se o *a* preposição, antes de nome de lugar, trocando-a por outra preposição, esta outra se empregaria sozinha, desacompanhada de artigo:

Irei a Copacabana.	–	Venho de Copacabana.
Irei à Tijuca.	–	Venho da Tijuca.

## 1.2 Regência

Nesta seção, abordaremos a questão da regência por ser um tópico relevante no estudo da crase e por estar mencionado nas três gramáticas estudadas na seção anterior. Assim, a posteriori, utilizaremos como base o que consta nas gramáticas de Cunha & Cintra, Bechara e Rocha Lima e, paralelamente, a definição de Mattoso Câmara sobre regência.

### 1.2.1 Regência de acordo com a Gramática de Cunha & Cintra

Na oração, geralmente as palavras são interdependentes, ou seja, relacionam-se entre si para gerar um significado maior. Essa relação existente é chamada de regência. *Regida* é a palavra dependente e o termo o qual ela se subordina é o *regente*. Neste trabalho, por se tratar de um estudo direcionado a crase, a relação de regência estudada é a das preposições, cuja função é justamente a de ligar palavras estabelecendo entre ela um nexos de dependência.

No assunto da regência verbal é importante saber quais são os verbos transitivos e quais são os verbos intransitivos, ou seja, a transitividade verbal. Os verbos intransitivos são aqueles que expressam uma ideia completa – que não precisam de complemento. Os transitivos exigem sempre um acompanhamento (objeto direto ou objeto indireto). O objeto indireto exige preposição, assim, em alguns casos, esses complementos virão acompanhados da preposição *a*.

A gramática de Cunha & Cintra destaca a regência de alguns verbos conforme abaixo:

**Aspirar** – é transitivo indireto quando é sinônimo de “pretender” ou “desejar”. E neste caso vem acompanhado da preposição *a* (ou *por*).

*Sua vigilância exasperava-me, no íntimo, fazendo-me aspirar, com ânsia, à libertação.*

**Assistir** – é transitivo indireto no sentido de “estar presente”, “presenciar”.

*Assisti a algumas touradas.*

**Obedecer (e desobedecer)** – na língua culta moderna, fixou-se como transitivo indireto.

*Mas todos obedeciam a ele.*

**Responder** – entre as diversas construções, quando essa palavra está na acepção de “dar resposta”, “dizer ou escrever em resposta”, emprega-se geralmente com objeto indireto em relação à pergunta:

*O Faustino teve de responder às próprias perguntas.*

### 2.2.2 Regência de acordo com a Gramática de Bechara

A Moderna Gramática Portuguesa, de Evanildo Bechara, separa um capítulo para discorrer sobre *regência*, explicando, em seu parágrafo inicial, basicamente o que foi exposto na Gramática de Cunha & Cintra:

“Diz-se *regência*, em sentido restrito, o processo sintático em que uma palavra determinante subordina uma palavra determinada. A marca de subordinação é expressa, nas construções analíticas, pela preposição.” (Bechara, 2015 p. 581).

Nesse capítulo, Bechara traz as variadas ocorrências de regência e, no final, ao invés de trazer alguns verbos e seus significados para se saber a regência, como fez Cunha & Cintra, traz uma espécie de dicionário (Lista) com os mais diversos verbos e a preposição que o segue, para identificar sua regência.

### 2.2.3 Regência de acordo com a Gramática de Rocha Lima

O capítulo 28 – Regência de Alguns Verbos – elenca alguns empregos dos verbos estudados para identificar a regência e sentido dos mesmos. Exemplos:

**Abrçar** – No sentido de apartar entre os braços:

*Quando melhorou, abraçou-se à menina.*

**Aspirar** – Com a significação de pretender, desejar muito:

*Todos os seres, todas as cousas aspiram à luz, que é manifestação da beleza radiante.*

**Assistir** – Sentido de estar presente a, ser espectador de, presenciar:

*Eu desejava assistir à extinção daquelas aves amaldiçoadas.*

**Atender** – Com o sentido de tomar em consideração, prestar atenção a:

*Ainda uma vez, nobre dama, atendei às súplicas do velho bucelário que tenta salvar-vos.*

**Renunciar** – ideia de abrir mão de:



*Uma das duas casas do Congresso teria de renunciar à sua participação legítima e indispensável na redação do código civil.*

#### **2.2.4 Regência conforme o Dicionário Linguístico (Mattoso Câmara)**

De acordo com o Dicionário Linguístico de Mattoso Câmara, regência é basicamente a marca de subordinação de uma palavra ou vocábulo determinante para com o seu determinado em um sintagma. Em relação a preposição a regência possui uma função subordinativa; Mattoso explica o seguinte:

“Em sentido lato, a marca de subordinação de um vocábulo determinante ao seu vocábulo determinado num sintagma (v.). Nas construções analíticas, em que a marca da subordinação é a preposição (v. preposições), a regência em sentido estrito se refere ao valor relacional das preposições, dentro da língua, e às caracterizações dos determinantes que por meio de cada uma delas se estabelecem. É assim a descrição da distribuição e das significações gramaticais, ou significações internas, das preposições existentes numa língua dada. A escolha da preposição depende: 1) da significação interna de cada uma, como em português – de “posse”, a “objeto indireto” ou “direção”, com “companhia”, etc.; 2) da servidão gramatical (v.), que faz com que certos determinados exijam necessariamente certas preposições, especialmente em se tratando de verbos com complemento essenciais (ex.: tratar de..., avisar de..., assistir a... etc.).” (Câmara, 2007 p. 257).

Mattoso ressalta que, em muitas vezes, a variação é livre, ao uso da preposição, tendo em vista a intenção estilística. Há caso até em que ela pode ser omissa como por exemplo: “E o meu suplício durará *por* meses” – *durará meses*.

É interessante ressaltar que tratando a regência de uma forma mais genérica identifica-se nela é uma relação de subordinação, ou seja, uma palavra que pede um complemento, regido de uma preposição específica.

#### **Conclusões preliminares**

Este capítulo forneceu os principais conceitos e explicações sobre preposição, acento grave e crase de autores de gramáticas cujo uso é amplamente difundido em escolas e universidades brasileiras. Percebe-se que as explicações sobre a crase e o acento grave nas gramáticas são bastante parecidas. Entretanto algumas gramáticas trazem mais regras sobre quando se deve usar e não usar o acento, como por exemplo, as gramáticas de Rocha Lima e Bechara, enquanto outras trazem mais o conceito de acento grave e crase, como a gramática de Celso Cunha.

Em relação à regência nota-se que as gramáticas, no geral, mostram que nela há uma relação de subordinação, por exemplo: uma palavra pede uma preposição – uma palavra pediu um complemento que é regido pela preposição.

Constata-se também que a crase é uma forma de contração, em que dois vocábulos gramaticais se juntam em uma nova partícula uma, sendo um morfema composto (Câmara, 2007). Entretanto nem toda contração pode ser chamada de crase, pois nessa última é que ocorre a fusão do *a* preposição e do *a* artigo.

Apesar de possivelmente parecer fácil o entendimento sobre o assunto, é comum perceber que muitas pessoas possuem dificuldades em determinados momentos, tanto em atividades acadêmicas quanto em atividades laborais. Principalmente por haver contextos diferentes daqueles encontrados nos exemplos das gramáticas, que geralmente são frases sem nenhum tipo de contextualização.

## CAPÍTULO 2

### Teoria X-Barra

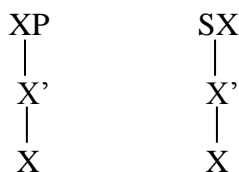
#### Introdução

A teoria X-Barra do *Novo Manual de Sintaxe*, cujo autor é Carlos Miotto, também é mencionada no intuito de reforçar o entendimento do uso da preposição *a*, e do acento grave. Essa Teoria ajuda a explicitar a natureza do constituinte, as relações que se estabelecem dentro dele e a maneira como os constituintes se hierarquizam para formar a sentença.

#### 2.1 Teoria X-Barra

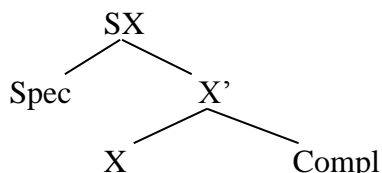
Para explicar melhor sobre o assunto da crase e no intuito de visualizar o fenômeno de uma forma sistemática, será utilizado o conhecimento da Teoria X-Barra, que é um módulo da gramática que permite representar um constituinte, o qual é conceituado como uma unidade sintática denominada sintagma. Por sua vez, o sintagma é a combinação de itens linguísticos seguindo uma regra que pode variar de língua para língua. Não é fácil prever o número máximo de itens que podem pertencer a um constituinte, visto que em princípio, não se pode determinar sua extensão. Por isso, ao invés de estabelecer a extensão de um constituinte, o intuito da sintaxe é delimitá-lo a partir de um núcleo. Daí vem a endocentricidade do sintagma; como o núcleo define certas funções, o constituinte, denominado sintagma, compreende além do próprio núcleo, o conjunto de itens que desempenham determinadas funções dentro dele.

A teoria X-barra é um módulo da gramática o qual permite representar um constituinte. Essa teoria ajuda a explicitar a natureza do constituinte, as relações que são estabelecidas dentro dele e o modo como os constituintes se hierarquizam para formar a sentença. O constituinte se constrói a partir de um núcleo (categoria) e, para representá-lo, usa-se uma variável X que vai tomar seu valor dependendo da categoria do núcleo do constituinte. Se for nome será N, se for verbo será V e se for **preposição será P**. este núcleo X determina as relações internas ao constituinte que são marcadas em dois níveis: o nível X' e o nível XP (em que P abrevia frase do inglês, sendo entendido como sintagma)<sup>3</sup>, conforme representação abaixo:



<sup>3</sup> Neste trabalho, utilizaremos S (para representar o sintagma) ao invés de P.

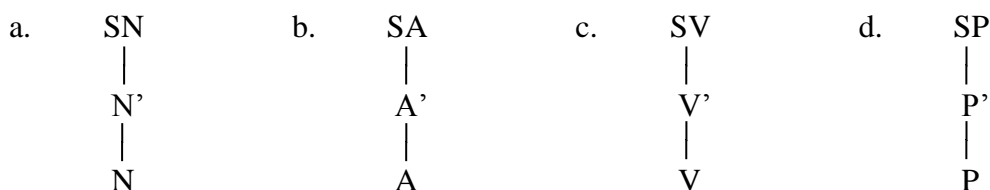
X representa uma categoria mínima; X' é o nível intermediário ou projeção intermediária de X; e SX é o nível sintagmático ou projeção máxima de X. O núcleo, na projeção intermediária, pode estar relacionado com complementos (Compl) e, na projeção máxima, pode estar relacionado com um especificador (Spec), sendo que a representação fica da seguinte forma:



O verbo, nome ou preposição seleciona dois argumentos. A interpretação do primeiro argumento é determinada em função da relação previamente estabelecida entre o X' e o segundo argumento. O primeiro argumento é denominado como argumento externo e o segundo como argumento interno. Carlos Mioto ressalta que:

“O esquema X-barra capta uma propriedade importante dos sintagmas que é o fato de eles serem endocêntricos. Isto significa que uma categoria XP só pode ter como núcleo uma categoria mínima X”. (Mioto, 2007 p. 49).

Para exemplificar o que foi mencionado acima, segue abaixo alguns exemplos esquemáticos das categorias que compõem o dicionário português:



Para representar os núcleos que formam os sintagmas utiliza-se a primeira letra da categoria representada, por exemplo: se a categoria for um nome, ele será representado por **N**; se for um verbo, será **V**; se for preposição, será **P** e assim por diante.

Conforme explicado no Novo Manual de Sintaxe – no capítulo da Teoria X-Barra, uma propriedade definitiva das classes lexicais é a capacidade de algum membro selecionar semanticamente seus argumentos (**S-seleção**). Por exemplo: *João bebe o suco*. Nesse caso *beber* S-seleciona como argumento *João* (o que bebe) e o *suco* (o que é bebido). Se fossem colocados outros argumentos como: *o suco bebe o carro*, existiria uma inadequação de ordem semântica, pois o *suco* não tem propriedades de bebedor e nem o carro pode ser bebido.

No caso acima o verbo *beber* é o núcleo lexical da frase. Essa palavra não possui traços nominais como gênero e número e possui traços verbais, por isso é classificado como verbo.

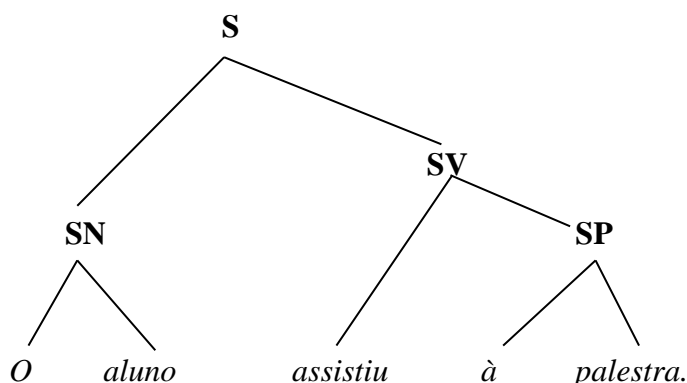
Existe também o núcleo funcional, o qual se distingue do núcleo lexical pela sua incapacidade de S-selecionar argumentos. Entretanto, os “núcleos funcionais também encabeçam constituintes cuja estruturação é ditada pela Teoria X-barra” (Mioto, 2007 p. 56).

No caso da C-seleção o núcleo apenas C-seleciona seu complemento levando em consideração a **categoria** a que pertence seu complemento. Os núcleos funcionais desempenham uma função basicamente gramatical.

Em se tratando de preposição percebe-se que a mesma não possui traços nominais de gênero e número, tampouco traços verbais de modo e pessoa. Entretanto, existem alguns casos em que a preposição S-seleciona e desempenha um papel de núcleo lexical. Exemplo: *A Maria desmaiou sobre a mesa*. Não poderia ser *sobre a esperança*, pois não haveria sentido. Logo, a preposição *sobre* possui um valor lexical, ou seja, semântico.

Retomando ao tema deste trabalho verifica-se que, no caso da preposição *a*, em que ocorre a contração com o artigo *a* e assim, se dá a crase; não existe o fenômeno da S-seleção. O que ocorre é a C-seleção, pois se trata de um acento colocado apenas para identificar que ali ocorreu a crase. O entendimento não muda na oralidade.

Exemplo:

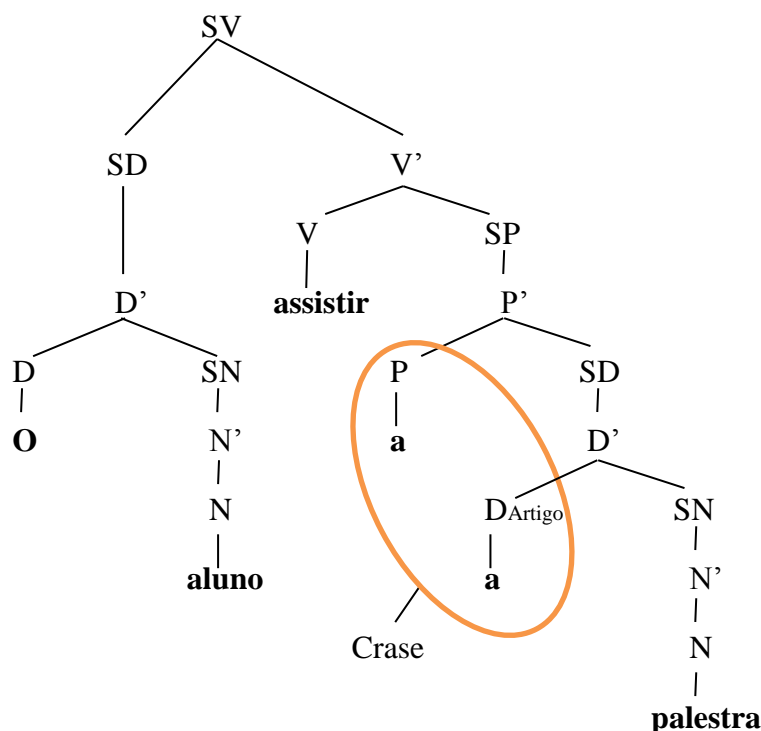


Em que **S** é a sentença; **SN** é o Sintagma Nominal; **SV** é o Sintagma Verbal e; **SP** é o Sintagma Preposicional. Nesse exemplo nota-se que o acento grave foi inserido no intuito de destacar a presença da preposição *a*, pois nesse caso o verbo *assistir* exige uma preposição (assistir a alguma coisa), logo o fenômeno da crase ocorreu devido o verbo C-selecionar seu complemento que, nesse caso vem acompanhado da preposição, devido à transitividade do verbo “assistir” (verbo transitivo indireto).

É válido constar que a ilustração acima segue o raciocínio do autor Noam Chomsky, pois ele trabalha com a combinação da noção de estrutura em constituintes ou estrutura sintagmática<sup>4</sup> com a noção de transformação gramatical.

A representação completa (em árvore) que seguiremos neste trabalho será a do esquema X-Barra, por ser o esquema mais atual. Assim o esquema acima serve apenas para demonstrar que existem outras formas de representar as estruturas sintáticas. Segue abaixo o mesmo exemplo feito conforme o Novo Manual de Sintaxe, de Carlos Mioto, o qual é possível identificar a distinção entre os argumentos internos (complemento) e argumentos externos (especificador):

<sup>4</sup> Exemplo de Regras de estrutura sintagmática:  $S \rightarrow SN + SV$

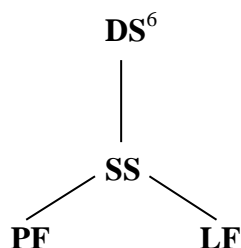


Segundo a Teoria Gerativa<sup>5</sup> há um modelo que analisa as sentenças das línguas naturais em que PF é a forma fonética (sentença como uma sequência de sons) e LF é a forma lógica (pois além da representação fonética, há um determinado sentido estrutural).

O intuito dessa representação é mostrar a relação existente entre o som de uma sentença (PF) e o seu sentido (LF). Segundo a teoria gerativa, essa relação não é direta, mas mediada por uma estrutura chamada SS (Estrutura Superficial). SS é uma representação sintática da sentença que será interpretada fonologicamente por PF e interpretada por LF, ou seja, PF evidencia como a estrutura é escrita ou pronunciada e LF mostra o sentido. Exemplo:

*Eu comprei este carro novo.*

No caso acima, percebe-se duas possíveis interpretações: o carro foi comprado novo, ou seja, sem uso; ou no momento em que *eu* comprei o carro, ele era novo, ou seja, não é mais. Pode-se fazer a seguinte representação do exemplo:



<sup>5</sup>Teoria Gerativa: Teoria que se propõe estudar a linguagem levando em consideração aspectos da mente humana e a relação com aspectos biológicos da espécie humana.

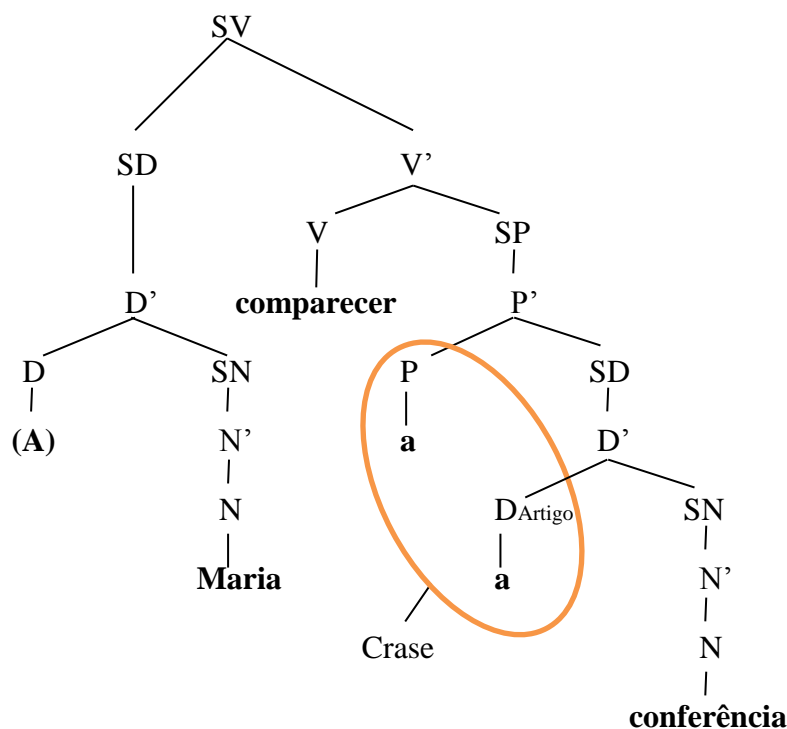
<sup>6</sup>DS: Estrutura Profunda.

No exemplo anterior constata-se ambiguidade, e isso ocorreu devido PF interpretar duas estruturas da mesma maneira. Os dois sentidos são verificados, pois LF interpreta duas SSs distintas.

Em exemplo de crase, tanto a forma pronunciada quanto a entendida podem ser as mesmas. A única diferença é que na escrita é preciso identificar a preposição, e isso se dá com a utilização do acento grave. Exemplo:

*Maria compareceu à conferência.*

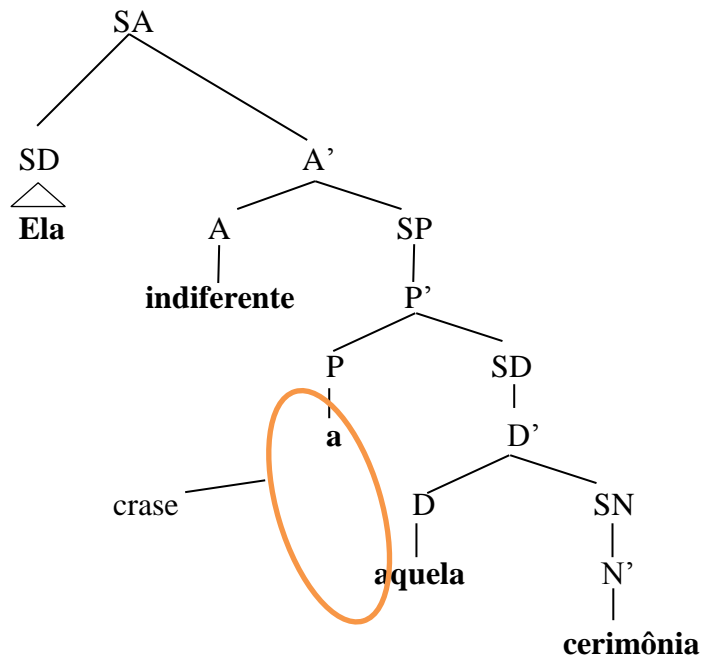
Nesse caso a forma fonética e a forma lógica estão em consonância, pois a regência do verbo “comparecer” exige uma preposição, ou seja, trata-se de um verbo transitivo indireto. Como a preposição é o *a*, e a estrutura também exige a presença do artigo, ocorre no exemplo a fusão de ambos e assim, a crase. A representação em árvore fica da seguinte forma:



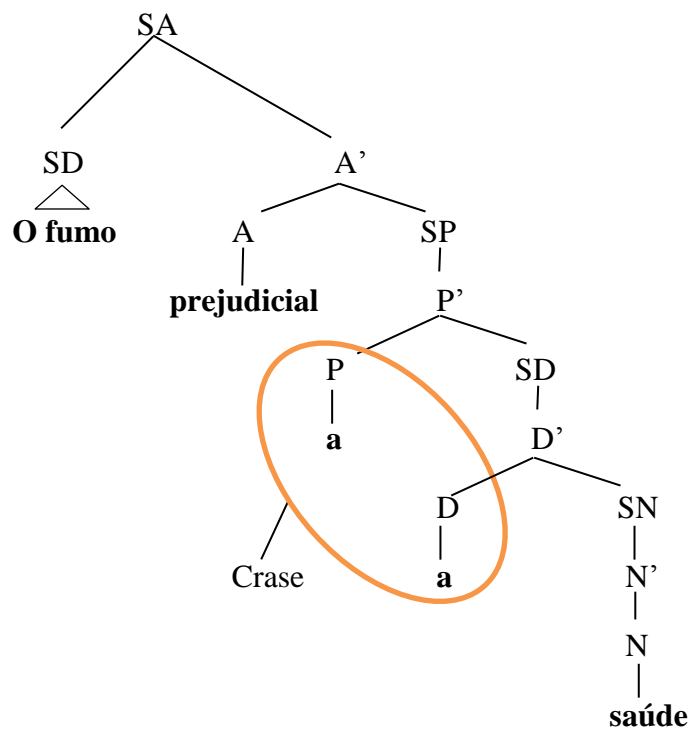
No caso da preposição deve-se levar em consideração que ela pode englobar núcleos de duas naturezas, ou seja, há preposições que são lexicais (tanto C-selecionam quanto S-selecionam), e há preposições que são funcionais (se limitam a C-selecionar seu complemento), que é o caso da crase.

Para se ter uma ideia melhor da C-seleção que a crase representa, segue abaixo mais dois exemplos esquematizados em *árvore* para apresentar a estrutura de forma mais visual e imediata:

(1) *Ela estava indiferente àquela cerimônia.*



(2) *O fumo é prejudicial à saúde.*





Nos exemplos abaixo será feita uma análise mais aprofundada do uso da crase envolvendo o estudo da sintaxe:

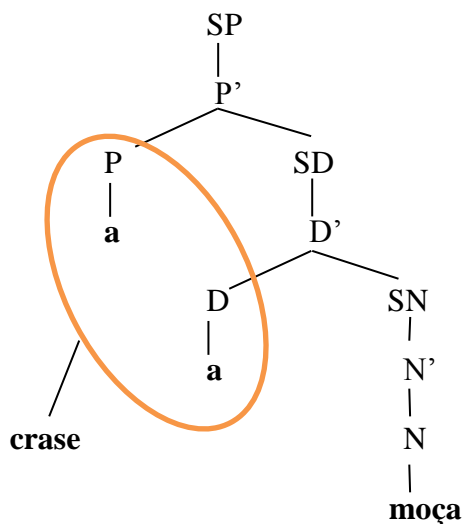
- a) *Dei o livro àquela menina.*
- b) *Dei o livro à moça.*
- c) *\*Dei o livro à ela.*
- d) *\*Dei o livro Àna.*

Sabe-se que os itens *a)* e *b)* estão corretos, entretanto os itens *c)* e *d)*, estão errados. Em relação ao item *a) e b)*, cabe a explicação dada nas Gramáticas Tradicionais, as quais informam o uso da crase quando se tem a junção da preposição *a* com os pronomes demonstrativos *a, aquele, aquilo, aquela*.

Em relação ao item *c)*, a explicação usual é o fato de não usar o acento grave em pronomes pessoais. E o item *d)* é claramente visível o erro, devido nome próprio não poder sofrer o fenômeno da contração e, assim possuir o acento grave. Mas existe uma explicação mais aprofundada para saber os erros dos dois últimos itens (*c e d)*? De acordo com a sintaxe sim. Pode-se explicar o erro do item *c)* da seguinte forma:

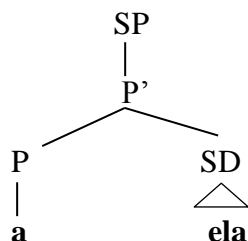
Conforme o esquema arbóreo demonstrado abaixo, o qual é comparado os itens *b)* e *c)*, *ela* já é considerado todo o Sintagma Determinante. Ou seja, *ela* substitui *a moça* e, assim o **SD** *ela* engloba o **SN** e seu núcleo *moça*; *ela* não substitui somente o **N** (nome), mas sim o **SN**. Logo, como não há o artigo antes de *ela*, mas somente a preposição, não existe a crase:

*b) à moça.*



(Eu) *Dei o livro à moça.*

c) *a ela.*



(Eu) *Dei o livro a ela.*

O item *d)* é facilmente identificado como errado, a explicação que comumente se verifica sobre essa questão é que não se acentua, com acento grave, nome próprio; ou que nome próprio não possui crase. Mas, de acordo com o conhecimento adquirido por meio da Teoria X-Barra, é que existe uma explicação mais profunda a respeito dessa questão: **Ana** é uma categoria lexical, ou seja, ela seleciona semanticamente seus argumentos (s-seleção). Já os pronomes demonstrativos (**a**, **aquele**, **aquilo**, **aquela**) e o artigo **a** são categorias funcionais, apenas c-selecionam seus argumentos levando em consideração a estrutura gramatical e não a semântica. Logo a crase é totalmente funcional, e ela só ocorrerá em categorias funcionais.

A partir das árvores representadas neste capítulo é possível identificar três condições para que ocorra a crase na língua escrita portuguesa:

- Adjacência da preposição e de um artigo ou pronome demonstrativo (que comece com *a*);
- Presença de um *a* que é a preposição funcional selecionada por um núcleo lexical (podendo ser um verbo ou substantivo);
- Presença de um determinante (podendo ser um artigo ou pronome).

### Conclusões preliminares

A teoria X-barra, com a visualização em árvores, evidencia as estruturas sintáticas. A partir dessa representação o entendimento dos constituintes sintáticos é facilitado, pois se consegue estruturar as relações com todos os componentes da sentença.

Em relação a crase podemos perceber que ela faz parte de um grupo funcional, ou seja, desempenha uma função gramatical, pois é ela que identifica a fusão (que é um tipo de contração) do *a* preposição com o *a* artigo. Com a esquematização da teoria X-barra é possível identificar essas duas categorias (artigo e preposição) e quem são seus argumentos externos e internos.

## CAPÍTULO 3

### Análise das Questões do Cespe

#### Introdução

Neste capítulo, analisaremos as questões cobradas em Concursos elaborados pela banca examinadora CEBRASPE, também conhecida como CESPE. A análise será feita com intuito de verificar o grau de dificuldade e se há diferença/distinção entre questões cobradas em provas cujos candidatos são de nível médio e provas cujos candidatos são de nível superior. E no final verificaremos como o estudo da sintaxe, de uma forma mais aprofundada, facilita o entendimento do uso da crase.

Neste trabalho foi feito um apanhado de questões tiradas dos mais diversos concursos públicos pelo sitio eletrônico: [www.questoesdeconcursos.com.br](http://www.questoesdeconcursos.com.br); e o site traz uma metodologia muito eficiente de estudo, tendo em vista que é possível fazer um caderno com as questões, salvá-las, e ainda verificar em gráfico a quantidade de acertos e erros que a questão teve entre todos que responderam o item.

#### 3.1 Questões de nível médio

Abaixo estão relacionadas questões de concursos feitas para candidatos a cargos de nível médio:

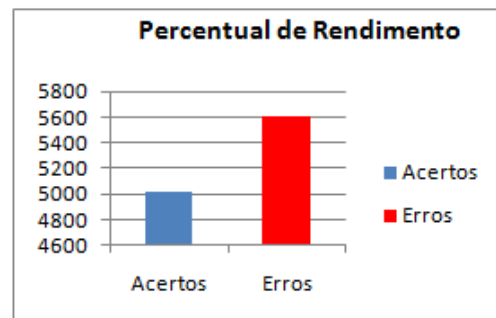
**Ano: 2014 Banca: CESPE Órgão: INPI  
Prova: Pesquisador em Propriedade Industrial - Conhecimentos Básicos**

*“A empresa canadense mandou técnicos ao Brasil em 1984 para conhecer a novidade e, dois anos depois, deu início à fabricação de um sistema...”*

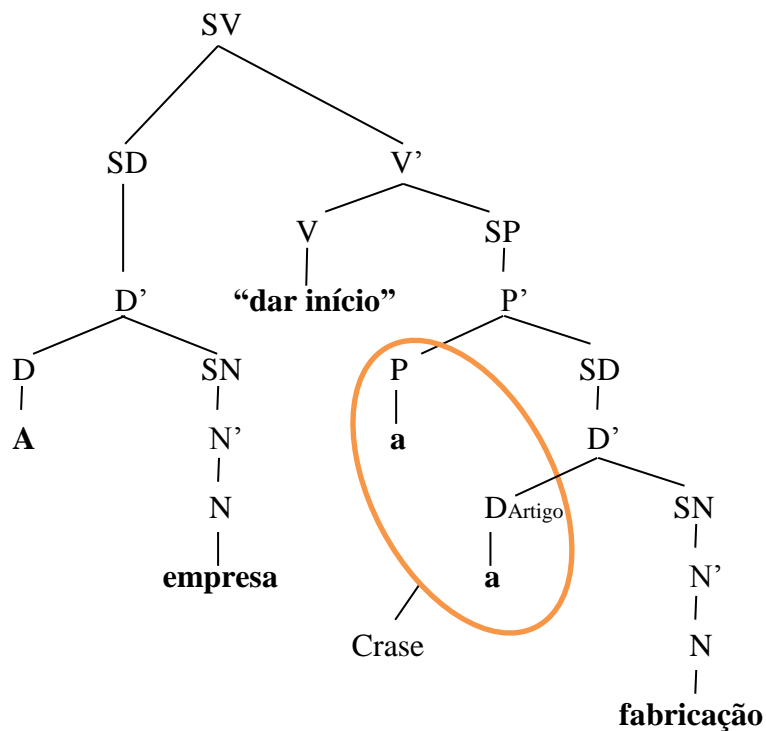
Tomando como base as ideias e estruturas linguísticas do texto acima, julgue o item que se segue.

**Na linha 9, o uso do acento grave em “à fabricação” justifica-se pela regência do termo “início”.**

Gabarito: Errado



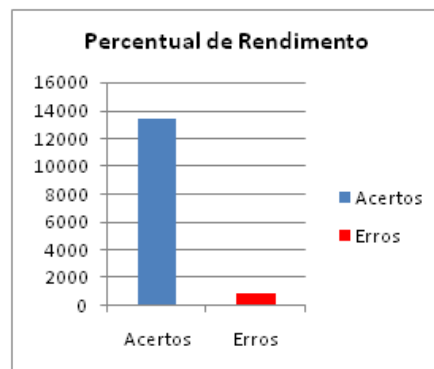
Na questão acima o assunto regência foi abordado, conforme explicado nos capítulos anteriores, para saber o uso da crase também é preciso saber regência. E nessa questão saber a regência é fundamental. O item é errado devido a justificativa do uso do acento grave se dá não pela regência do termo “início”, mas sim por toda essa expressão: “dar início”, que é uma expressão complexa em português que possui duas partes (uma parte verbal e outra parte nominal) que equivale a um verbo só = *iniciar*.



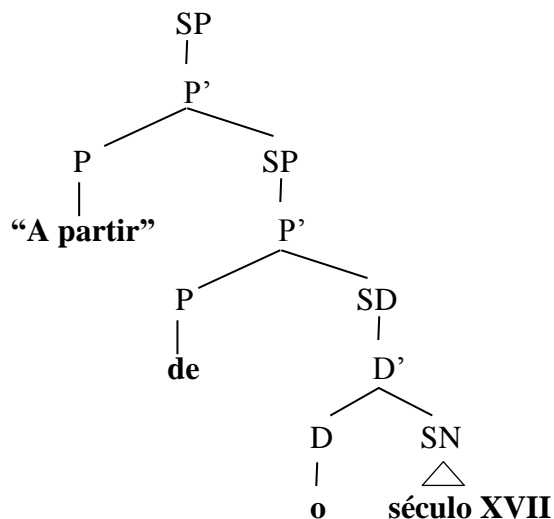
*A empresa deu início à fabricação.*

Essa questão teve uma incidência muito grande de erros. Visualizando o gráfico percebe-se que houve mais erros que acertos. Assim, pode-se considerar uma questão difícil.

**Ano: 2014 Banca: CESPE Órgão: ANATEL**  
**Prova: Conhecimentos Básicos**  
**É facultativo o emprego do sinal indicativo de crase em “A partir do século XVII”**  
**Gabarito: Errado**



No item anterior, conforme explicações das Gramáticas Tradicionais visto no primeiro capítulo deste trabalho, é evidente que o item está errado, pois não se tem crase diante de verbo e também não se tem crase antes de termo masculino. O termo “a partir” é tido como uma locução, assim, a soma dessas duas palavras possuem um único significado.



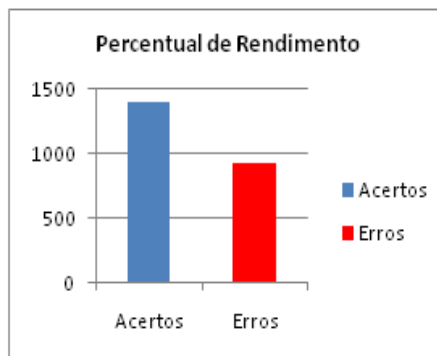
*A partir do século XVII.*

**Ano: 2008 Banca: CESPE Órgão: STJ Prova: Técnico Judiciário – Área Administrativa**

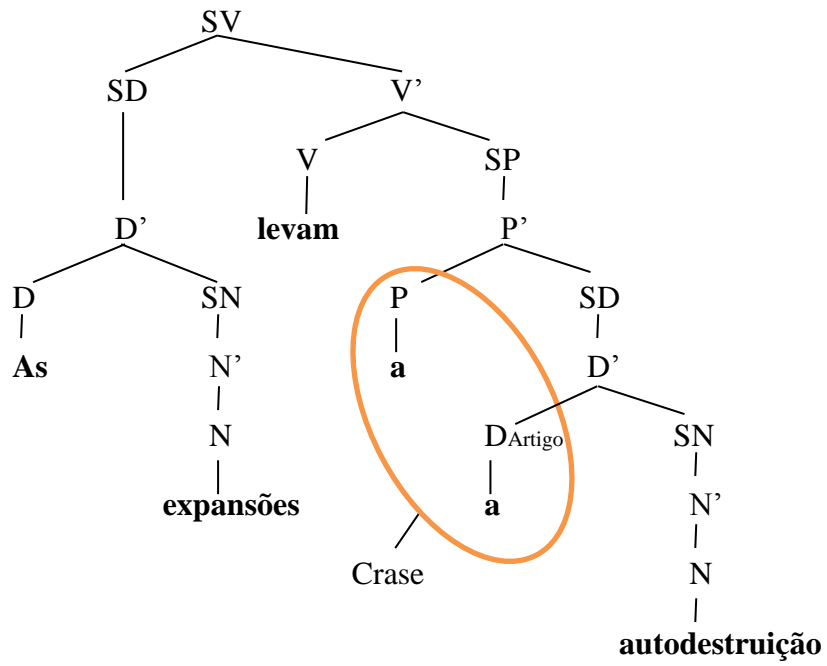
*“Assim como as expansões levam, afinal, à autodestruição, da mesma maneira...”*

**O sinal indicativo de crase em “à autodestruição” é exigido pelo significado em que está empregado o verbo levar; pois, se não se usar crase, as regras gramaticais poderão ser respeitadas, mas as relações semânticas serão alteradas.**

Gabarito: Certo

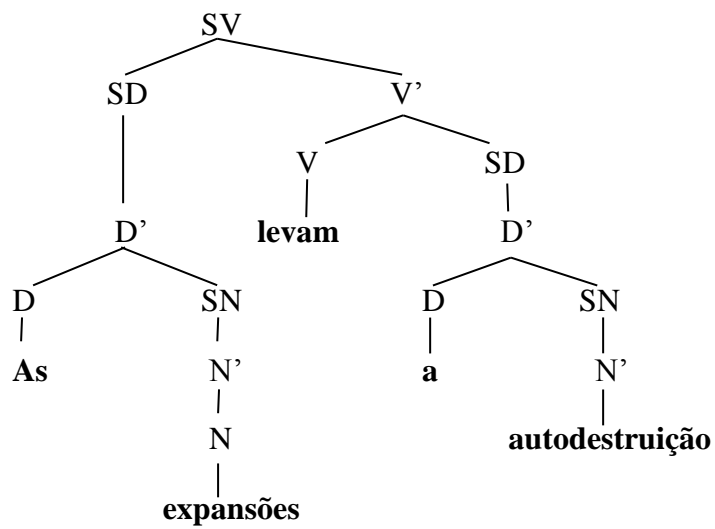


Nessa questão, percebe-se a regência do verbo “levar”, o qual, nessa situação, exige uma preposição. O verbo em questão é bitransitivo. Seu complemento pode ou não ser regido por preposição, ou seja, pode ser um verbo transitivo direto (leva algo) ou pode ser um verbo transitivo indireto (leva a algo). Assim, realmente as relações semânticas serão alteradas e, no entanto, a sentença continuará obedecendo as regras gramaticais independentemente do uso da crase.



*As expansões levam à autodestruição.*

**Ou**



*As expansões levam a autodestruição...*

### 3.1 Questões de nível superior

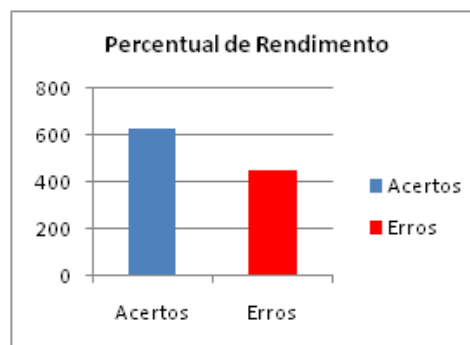
Abaixo estão relacionadas questões de concursos feitas para candidatos a cargos de nível superior:

**Ano: 2009 Banca: CESPE Órgão: Instituto Rio Branco Prova: Diplomata.**

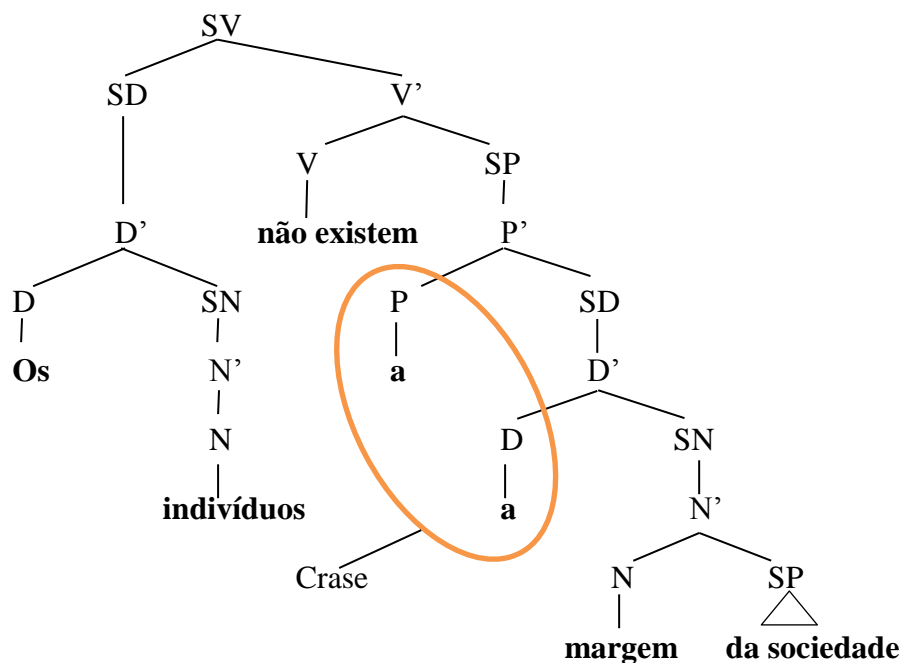
*“Os indivíduos, evidentemente, não existem à margem da sociedade.”*

**O sinal indicativo de crase em “à margem” (L.1-2) indica que o sentido com que está empregado o verbo existir exige a preposição a na sua complementação.**

Gabarito: Errado.



No caso acima é uma locução prepositiva, e assim é a própria locução que exige a crase. Nas locuções prepositivas formadas por palavras femininas, usa-se crase. Podemos considerar que a crase é utilizada para evitar a ambiguidade.

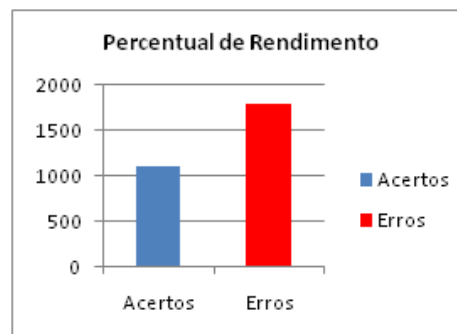


Ano: 2011 Banca: CESPE Órgão: FUB  
 Prova: Médico - Clínica Médica

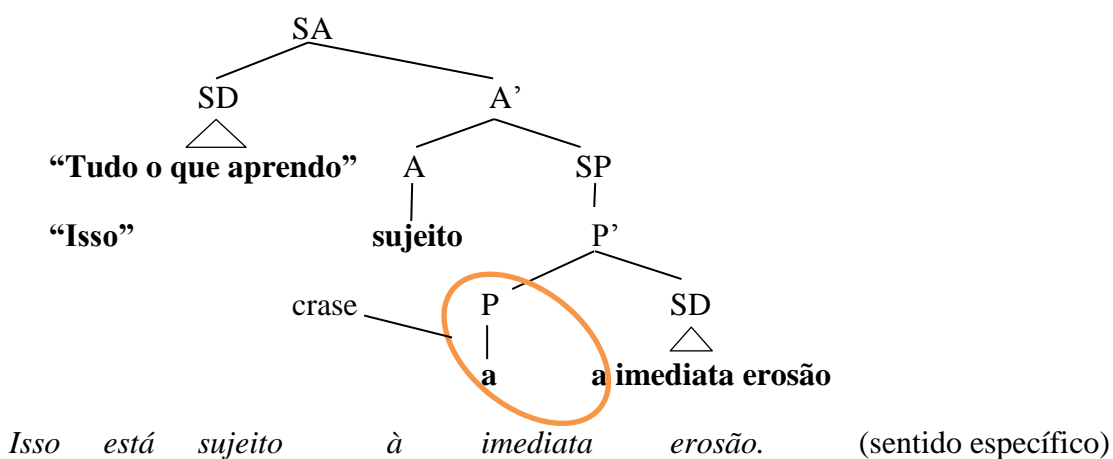
*“Tudo o que aprendo está sujeito à imediata erosão.”*

**O uso do sinal indicativo de crase em ‘à imediata erosão’ é obrigatório.**

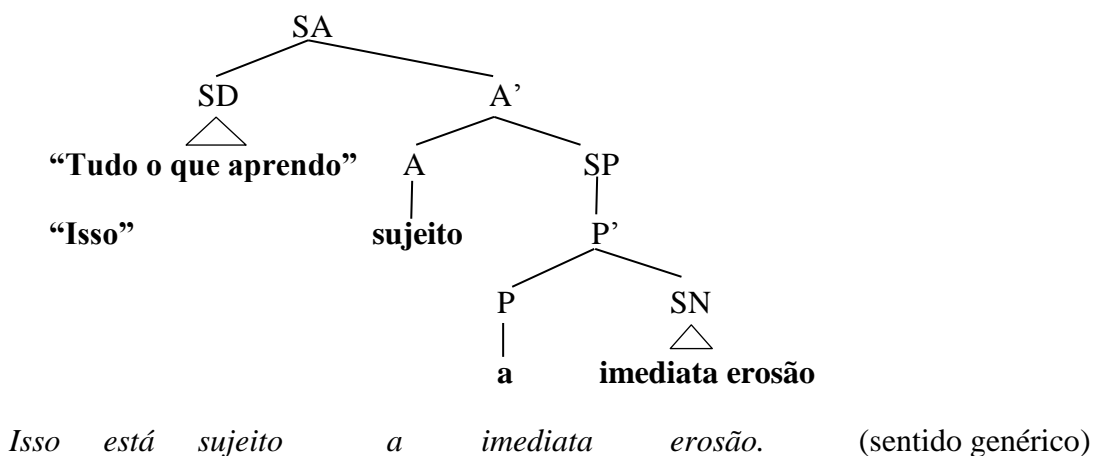
Gabarito: Errado



Gabarito errado pois, conforme explicado no capítulo 1, segundo entendimento de Celso Cunha, se a palavra estiver em sentido genérico não cabe o acento grave. A palavra subsequente não exige que se tenha artigo antes dela, logo a crase é facultativa.



**Ou**



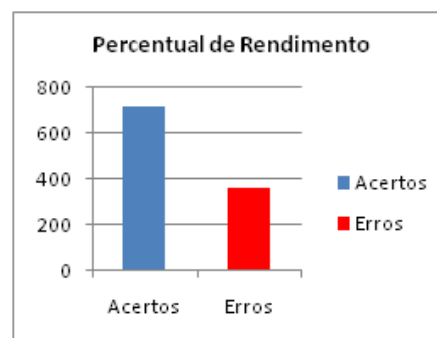


Ano: 2008 Banca: CESPE Órgão: SERPRO  
 Prova: Analista - Desenvolvimento de Sistemas

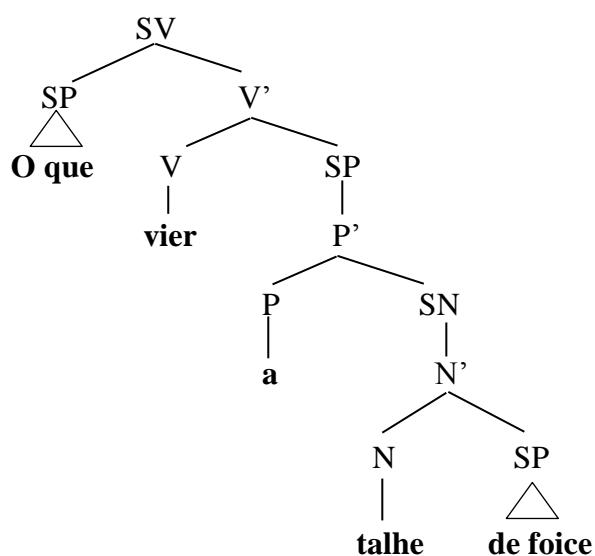
*“O autor de Ensaio sobre a Cegueira e O Evangelho Segundo Jesus Cristo decidiu criar um espaço para comentários, reflexões, simples opiniões sobre isto ou aquilo, o que vier a talhe de foice’.”*

**Preserva-se a correção gramatical ao se reescrever a expressão 'a talhe de foice' (L.8) com crase: à talhe de foice..**

Gabarito: Errado



Nesse caso não possui artigo feminino *a*, pois a palavra que vem logo depois da preposição é uma palavra masculina. E talhe é um instrumento, ou seja, um adjunto adverbial de instrumento e, assim, não ocorrerá a crase.



*Vier a talhe de foice.*

### Conclusões preliminares

Nota-se que o grau de dificuldade entre as questões de nível superior e questões de nível médio é basicamente o mesmo. O assunto não favorece que em determinada abordagem seja mais difícil ou mais fácil o entendimento do fenômeno da crase. Ou sabe-se identificar ou não se sabe. É uma questão muito pragmática e assim dificilmente haverá distinção de questões envolvendo o assunto da crase. O estudo das gramáticas aliado ao estudo da teoria X-barra facilita a identificação da crase, pois, conforme visualizado nos capítulos anteriores, a crase é um fenômeno de caráter funcional, ou seja, gramatical. Conhecendo bem os constituintes é possível identificar com segurança a questão da crase.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho voltou-se ao estudo da sintaxe das preposições em especial ao assunto da crase. Foi feita uma análise de questões de concurso e um aprofundamento na Teoria X-barras de Mioto no intuito de perceber melhor o uso da preposição *a* e o uso do acento grave.

O estudo foi motivado devido haver muitas dúvidas em relação ao assunto. Principalmente em provas de concursos e também em ambientes acadêmicos e de trabalho.

O presente trabalho foi estruturado em três capítulos, sendo que o primeiro fez um apanhado geral do que é ensinado sobre *preposição, crase, acento grave e regência*, nas Gramáticas de Evanildo Bechara, Celso Cunha e Rocha Lima. O segundo capítulo explana sobre a Teoria X-barras do Novo Manual de Sintaxe de Carlos Mioto. Nesse capítulo o estudo é mais aprofundado e esquematizado, a partir de representações em árvores de todos os constituintes que compõe a sentença, com uma atenção maior nas preposições onde a *crase* é verificada. Por fim, o terceiro capítulo mostra algumas questões, tanto de nível superior quanto de nível médio, cobradas em concursos realizados pelo CESPE, em relação ao tema de crase e, explica-se, a luz do que foi estudado nos capítulos anteriores, o uso do acento grave.

Em relação ao capítulo dois, mais especificamente no item que explana sobre a teoria X-barras percebemos que o assunto ainda pode ser muito explorado levando em consideração estudos da sintaxe. Os trabalhos de Mioto fazem um apanhado geral da preposição, entretanto ele não esmiúça algumas especificidades que existem dentro desse tema, como por exemplo, a crase. Conseguimos identificar características da crase a partir do estudo da teoria X-barras, por exemplo: A crase só ocorre em categorias funcionais, pois ela não possui uma relação semântica com os argumentos ao redor, ela possui uma função funcional, ou seja, gramatical. A crase identifica a fusão que ocorre com a preposição *a* e um determinante (um artigo por exemplo).

No capítulo três derrubamos um mito, pelo menos em relação à essa matéria, de que as questões aplicadas a candidatos de nível superior é mais difícil do que as questões aplicadas a candidatos de nível médio. Por se tratar de um assunto bem específico as questões são cobradas basicamente da mesma forma e não se consegue visualizar um maior grau de dificuldade em provas para determinados cargos ou candidatos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37ª edição revista, ampliadas e atualizada conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2009.
- CÂMARA JUNIOR, J. M.. **Dicionário de Fatos Gramaticais**. Ministério da Educação e Cultura – Casa de Rui Barbosa – 1956.
- CÂMARA JUNIOR, J. M.. **Dicionário de Linguística e Gramática Referente à Língua Portuguesa**. 26ª edição. Petrópolis, RJ. Editora Vozes, 2007.
- CASTILHO, Ataliba T. **O Problema da Gramaticalização das Preposições no Projeto ‘Para a História do Português Brasileiro’**. Disponível em: <[http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2004/4publica-estudos2004-pdfs-comunicos/o\\_problema\\_gramaticalizacao.pdf](http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2004/4publica-estudos2004-pdfs-comunicos/o_problema_gramaticalizacao.pdf)> Acesso em 20 mai. 2016.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 5ª edição. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.
- LYONS, John. **Lingua(gem) e linguística**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.
- KOCH, I. & SILVA, M. C. **Organização e Constituição da Frase**. In: **Linguística aplicada ao português: sintaxe**. 1988, PP. 9-44.
- MIOTO, Carlos; SILVA, Maria Cristina Figueiredo e LOPES, Ruth Elisabeth Vasconcellos. **Novo Manual de Sintaxe**. 3ª edição. Florianópolis, SC. Editora Insular, 2007.
- QC. **Questões de Concurso**. Disponível em: < <https://www.qconcurso.com/>>. Acesso em 05 jul. 2016.
- RAPOSO, E. **Teoria da gramática – a faculdade da linguagem**. 1988, PP.65-87.
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 38 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.
- SALLES, Heloísa Maria Moreira Lima. **Aspectos da Sintaxe de Clíticos e Artigos em Português**. Revista Letras, Curitiba, n. 56, p. 177-191. Jul/dez. 2001. Editora da UFPR.
- SILVA, Silvana. **Enunciação e Sintaxe: uma abordagem das proposições do português**. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/ppglettras/defesas/2005/silvanasilva.pdf>> Acesso em 07 mai. 2016.